

# 2005 Senador biônico durou oito anos

A escolha de parentes como suplentes nunca foi tão freqüente. É a primeira vez que, em uma só legislatura, cinco senadores têm parentes próximos como substitutos eventuais. É a primeira vez, também, que um só senador tem dois parentes em suplências: Iris Rezende não só tem o irmão Otoniel em sua própria suplência, como sua esposa, também chamada Iris, é a suplente do também goiano Maguito Vilela. Há ainda os dois irmãos Dias, Osmar e Álvaro, só que ambos foram eleitos pelo voto direto, exprimindo uma escolha da população.

No entanto, a escolha de parentes também não é uma novidade. O caso mais notório foi o do veterano senador Dinarte Mariz, que já cumpriu o terceiro mandato quando ganhou um quarto, desta vez como biônico. Vale lembrar, senador biônico foi uma figura jurídica que durou apenas oito anos, no regime militar: era escolhido pelo Planalto e ratificado pelas assembléias legislativas. Muito forte entre os militares, Dinarte não só

ganhou à cadeira em 1978 como impôs o genro, Moacir Duarte, como suplente. Morreu durante o mandato, que foi completado por Duarte.

Outro antigo cacique regional, o maranhense Victorino Freire, aliás amigo de Dinarte, também deu uma suplência ao filho, Luiz Fernando Freire, em 1974. Só que era a suplência de outro, o senador Henrique La Rocque. Também La Rocque morreu no meio do mandato e Luiz Fernando Freire, um amável e anódino compositor de música popular, ficou com a cadeira.

Antes disso houve outros parentes no Senado.

Mas eleitos. Foi o caso de Alagoas, em que três irmãos ocuparam sucessivamente cargos de senador. Eram os irmãos Góes Monteiro: Pedro Aurélio, poderosíssimo general, Ismar e Silvestre. Antes do Estado Novo, outro irmão, Manoel César, também fora senador. Mas todos eleitos. Era

a época em que a família Góes Monteiro mandava tanto em Alagoas que se apelidava o Estado de Alagóes. O último Góes a deixar o Senado, em 1967, Silvestre Péricles, foi o rival de Arnon de Mello (pai de Fernando Collor) no famoso tiroteio em que morreu outro senador que nada tinha a ver com a briga.

A aparente obscuridade da suplência serve para abrigar outras aspirações. Gilber-

to Miranda, p o l ê m i c o empresário de São Paulo com negócios em Manaus, foi suplente duas vezes. Acabou sendo senador por mais de seis anos sem

nunca ter recebido um voto. Hoje é suplente de novo, do amazonense Gilberto Mestrinho. Em Roraima, o ex-governador Hélio Campos concorreu sozinho contra os principais partidos. Nenhum político lhe deu apoio. Sem opções, colocou na suplência o mestre de obras que lhe prestava ser-

viços. Morreu menos de dois meses após assumir e o suplente, João França, exerceu quase todo o mandato.

Mas se a suplência serve para abrigar parentes e amigos, às vezes sobra para inimigos. Quando se compôs a chapa para senadores no Acre, em 1970, havia poucas dúvidas a respeito dos dois titulares: seriam o já senador José Guiomard, o fundador do Estado, e o deputado mais votado, Geraldo Mesquita. Dois empresários locais ocupariam a suplência e um deles exigiu a de Guiomard, já velhinho e doente. No meio do mandato, Mesquita foi eleito governador e o suplente, Altevir Leal, ganhou quatro anos no Senado. Em 1978, novas eleições, Guiomard é escolhido senador biônico. Vetou o antigo suplente:

- Esse não. Apostou na minha morte.

Altevir foi suplente de novo. E, de novo, o mandato vagou pela metade, com a morte de Guiomard. O feliz Altevir faturou mais quatro anos de senador, sempre sem um votinho sequer.